

# REVISTA ADVENTISTA

«ATÉ QUE TODOS CHEGUEMOS À UNIDADE DA FÉ, AO CONHECIMENTO DO FILHO DE DEUS»

(S. PAULO, AOS EFÉSIOS 4:13)

*«Como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes farei vós também»*

(N. S. JESUS CRISTO, S. LUCAS 6:31)

Todo o homem sincero e, em particular, todo o Adventista fica mal impressionado quando vê os seus adversários empregarem argumentos mentirosos e caluniosos, à falta de outros mais verídicos. Embora pronto a ouvir observações discordantes e a orientar-se no caminho de mais recta verdade, sente-se firmar na sua prévia situação, perante todo e qualquer ataque menos verdadeiro, menos correcto.

Daí a necessidade que todos nós, ministros e membros da Igreja Adventista, devemos sentir em ser correctos e absolutamente verídicos nas conversas ou discussões com os membros e ministros da Igreja Romana. Verídicos na exposição dos seus erros doutrinários, nas citações da História. Correctos no ataque e na defesa. Caso contrário feriremos a sensibilidade das almas sinceras ainda no aprisco de Roma.

Todo o Adventista conhecedor da doutrina de Jesus, no Evangelho, sabe que o Romanismo está errado na fé e costumes. Os seus compo-

nentes necessitam afastar da alma muitos erros e admitir, em seu lugar, muitas outras verdades ensinadas por Jesus. Mas necessitamos, nós também, muita cautela na maneira como lhes falemos da nossa Fé, evitando exageros nocivos, afirmações doutrinárias inexistentes nos seus catecismos, interpretações deturpadoras das suas intenções.

Nem sempre a exposição doutrinária ou profética de autores protestantes anglo-saxónicos é aconselhável em Portugal. Mesmo quando certa é contundente. Mata mas não cura.

É necessário que o filiado na Igreja de Roma sinta na alma a beleza da profissão de Fé Cristã, faça de Jesus o seu Mestre e Salvador. Então ser-lhe-á fácil distinguir entre o que Jesus disse e o que dizem os homens e as seitas, entre as quais, bem entendido, está a seita romanista, muito embora este termo seja monopólio dos padres e fanáticos contra as restantes congregações em que, por infelicidade, se encontra dividido o Cristianismo.

**N.º 48**

**SETEMBRO - OUTUBRO  
DE 1948**





## De Tomar

Enviaram a notícia amável do casamento do nosso Irmão Fernando Mendes, chefe de colportores, com a nossa Irmã Idalina de Almeida Fernandes. A Congregação Adventista de Tomar esteve presente na máxima força ao culto respectivo celebrado pelo Pastor A. D. Gomes, no domingo 13 de Junho p. p. A *Revista Adventista* cumprimenta o novo matrimónio e faz votos pela sua prosperidade material e espiritual.

## De Lisboa

Participam o falecimento da Irmã Manuela Graça após longo sofrimento. A *Revista Adventista* apresenta os seus sinceros sentimentos a todos os membros da família enlutada. Se forem fiéis até ao fim, juntar-se-ão na Nova Jerusalém.

## Novo obreiro

Foi adido à União Portuguesa, o nosso Irmão Dr. I. Aguilar Caballero, jovem médico, filho do actual director da Missão Espanhola, Pastor Aguilar. Tem no nosso campo possibilidade de grande actividade nos domínios da evangelização. Estamos todos de parabéns e muito gratos à Divisão Sudeuropeia pelo voto feito.

## Dr.º D. Raquel Guerreiro

Esta nossa Irmã vai partir para Angola, nos serviços do Estado, no Hospital Civil de Luanda. Vai rodeada de toda a nossa melhor simpatia cristã. Pensamos que Deus algo de importante lhe reserva na Sua Obra, naquela importante colónia. Tem sido sempre, desde o início, uma inestimável colaboradora da *Saúde e Lar*.

## Baptismos

Estão sendo activados em todas as congregações metropolitanas. É o que mais importa nas actividades

das congregações. Oremos e trabalhemos para que a União possa baptizar, pelo menos, o número proposto no seu alvo.

## Novas construções

Pensamos em novas capelas, sentimos a sua necessidade, oramos por elas.

Mas é preciso também trabalhar por elas, na medida das nossas posses. A nossa Divisão tem já 100 contos à nossa disposição, caso nós sejamos capazes de obter outros 100 contos. Com 200 contos poderíamos construir duas pequenas casas de culto ou uma mais espaçosa.

Deus ajude as nossas Congregações a fazer semanalmente uma colecta para o mesmo fundo e na **Colecta Especial de 21 de Agosto**.

## Visitas amáveis

Recebemos no mês de Maio a visita do Pastor Wickman, secretário do Departamento da Radiodifusão, da nossa Conferência Geral. Deu-nos o calor da sua amável simpatia e deixou gratas lembranças por toda a parte, nas igrejas que tiveram a felicidade de o receber.

• Também o Pastor M. Fridlin, secretário da nossa Divisão, passou alguns dias visitando as nossas Congregações que muito apreciaram os seus cultos cheios de encorajamento. Esperamos que tenha levado gratas impressões, embora o mau tempo o tivesse perseguido.

• O Dr. J. P. Mortensen e sua esposa, estiveram de passagem em Lisboa e tiveram a gentileza de passar um dia connosco. Voltaram ao White Memorial Hospital, na Califórnia, onde exerce a sua clínica, na Obra Adventista.

Todas estas visitas contribuem sempre para fortalecer os laços de amizade cristã na grande família adventista.

## REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

### PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

••

Cont. e Ilhas Colónias

Número avulso . 1\$50 2\$00  
Assinatura anual 7\$50 10\$00

Redacção e Administração:  
Rua Joaquim Bonifácio, 17

••

Composição e impressão:  
Tip. Gomes & Rodrigues  
32, Rue des Picoas, 34—LISBOA

DIRECTOR: A. DIAS GOMES



# "O fogo do Céu,"

POR W. R. BEACH  
PRESIDENTE DA DIVISÃO SUDEUROPEIA

A primeira explosão atômica do Novo-México, levou milhões de pessoas a rever a sua maneira de pensar. Com este acontecimento eles queriam saber se este fogo horrórico, última criação da ciência, não teria uma significação sobrenatural. Conheço um homem que se entrega com fervor ao estudo da profecia bíblica e que descobriu a expressão «fogo do Céu» no último livro da Bíblia. Pergunta ele a si próprio, se este novo fogo criado pela ciência não será a confirmação desta visão profética.

Esta sugestão é, pelo menos, interessante, se notarmos que a profecia em questão descreve no verso 11 a ascensão dos Estados Unidos. Aí vemos o grande poder americano, simbolizado por um animal com dois chifres, que se põe a falar como um «cordeiro» mas chega muitas vezes a exprimir a sua vontade por termos que lembram, de uma forma estranha, o «dragão» romano. No curso desta descrição profética, encontramos as palavras seguintes: «E faz grandes sinais de maneira que até fogo faz descer do Céu à Terra, à vista dos homens».

Não nos é dito de que espécie de fogo se trata, nem como se opera. No entanto, tem-se a impressão de que deve ser qualquer coisa extraordinariamente demonstrativa e surpreendente que, conforme o versículo seguinte, dará a este país muito prestígio e influência «sobre todos os que habitam à superfície da Terra».

Não queríamos tirar conclusões muito dogmáticas. Pode ser que a profecia atinja algo de mais demonstrativo ainda e que, de momento, exceda as nossas faculdades de concepção: não é preciso, todavia, hipnotizar-se com um acontecimento futuro ao ponto de não conhecer o que Deus tinha em vista e que talvez se realize sobre os nossos olhos.

Um feito é, em todo o caso, digno de atenção. É que os homens que têm consciência de todas as possibilidades latentes da energia atômica empregam sobre esta referência a expressão: «fogo do Céu». André Georges, por exemplo, escrevendo há alguns meses na *Batalha* (Semanário parisiense), chegou a esta conclusão: «Sócrates, sabemo-lo, tinha feito descer a filosofia do Céu sobre a Terra. A revolução de hoje na ciência atômica realiza, pela primeira vez, sobre o planeta, um pouco do que se passa nos laboratórios infinitos dos Céus; consideremos que ela faz vir verdadeiramente o fogo do Céu sobre a Terra».

Num livro publicado recentemente, *Dawn over Zero*, William L. Laurence escreve a este respeito:

«Nesta fracção de tempo infinitesimal, que escapa a todo o cálculo como a toda a concepção, em que a primeira bomba atômica converteu uma parcela da sua matéria na mais formidável explosão de energia libertada até hoje sobre a Terra, Prometeu quebrou as suas cadeias e trouxe um novo fogo sobre a Terra».

M. Laurence, repórter científico do *New-York Times*, foi o único jornalista a quem o Ministério da Guerra dos Estados Unidos autorizara a visitar as fábricas e a estudar os processos de fabricação da bomba atômica. Foi também o único a assistir à explosão do Novo-México e ao lançar da bomba sobre Nagasaki. No que se refere à explosão do Novo-México, relata conforme a sua própria experiência:

«Neste grande momento da História que marca pela sua importância aquilo com que o homem transformou o fogo ao seu serviço, a imensa energia cativa no coração dos átomos foi libertada, pela primeira vez, num brilho de chamas tal, que jamais veremos coisa semelhante iluminando o Céu e a Terra, durante um momento que parece eterno, com a luz de vários sóis. A primeira luz elementar feita sobre a Terra que não tem a sua origem no Sol, provém da explosão da primeira bomba atômica».

Conforme estas revelações e as trazidas por outros sábios, parece bem que o grande público não tem ainda senão uma ideia muito vaga daquilo que os cientistas têm feito, da amplitude e significação da sua descoberta que marca uma nova era. Uma coisa é certa: eles fizeram, na verdade, descer o fogo do Céu e, feito isto, deram à República Norte-Americana o maior prestígio e influência de que, sem dúvida, outra nação havia jamais gozado desde o começo do Mundo.

E se é para considerar a realização da profecia acima mencionada, será então o mais dramático de todos os sinais que, como faróis celestes, iluminam a Terra, para nos advertirem que chegámos aos últimos momentos da História.



Não é novidade para ninguém que a África é um vasto campo à espera de ser Evangelizado, e que chegou justamente a hora de se intensificar essa Evangelização.

Todos devemos ter diante dos nossos olhos essa grandiosa obra. No entanto, a raros interessa conhecer, mesmo superficialmente, esse continente e os seus habitantes. Sim, que é a África? Que terras e que gentes estranhas vai o Missionário encontrar, ao pôr o pé nesse enorme e tenebroso continente?

Estas duas simples perguntas dariam lugar a longos tratados, a bojudos volumes de descrições, a estudos profundos de Geografia, de História Natural, de Filosofia humana, enfim, à investigação de como o progressivo evoluir da civilização europeia influiu nos hábitos, nos costumes e quem sabe se até nas qualidades ráticas das tribos nativas.

Seria, pois, ridículo da minha parte, querer dar a qualquer daquelas perguntas uma resposta, já não digo completa, mas pelo menos aproximada. Faltam-me para tanto, o conhecimento de vastíssimas regiões do Continente, e indispensáveis qualidades de investigador e crítico que lamentavelmente não possuo.

Mas, do que os meus dezasseis anos de Angola me ensinaram, e do que dessa experiência puder extrair, tentarei focar alguns aspectos, e marcar em breves instantâneos, justamente o que se deparará ante os olhos do missionário que desembarca pela primeira vez naquela nossa possessão.

Não me deterei muito no aspecto, digamos, paisagístico da Colónia. É uma terra que está em franco progresso, enchendo-se de cidades laboriosas, abrindo novas indústrias, alargando outras, rompendo através de si mais estradas, procedendo a estudos tendentes a aumentar a sua rede ferroviária. O comércio tem um desenvolvimento notável. Pertence ao passado gastarem-se longos meses para alcançar as regiões fronteiriças.

Hoje, os longes não existem, graças a uma eficiente rede de transportes aéreos.

Nos centros mais populosos, o saneamento é já uma realidade, com conseqüente melhoria nas condições de saúde das respectivas populações.

A África, já não é aquela África que conhecemos através de narrações fastasistas, não é a África que a nossa imaginação se habituou a criar, com ciladas a cada passo para o europeu incauto ou pouco conhecedor do ambiente, com leões a surgirem detrás de todas as moitas, ou, quem sabe lá, se mesmo ao virar de todas as esquinas das cidades. Tem, no entanto, Angola, regiões puramente tropicais, de densas florestas, emaranhando os passos daqueles que se aventuram nas suas profundezas. É assim o Maiombe no enclave de Cabinda.

A zona litoral é árida. Percorrem-se dezenas de quilómetros em terrenos arenosos nos quais, aqui e além, espreitam tufos de espinheiras, e, onde o característico «imbondeiro», árvore ao mesmo tempo gigante e grotesca, dá o cunho característico da região que se atravessa. Até há pouco tempo não se lhe conhecia qualquer préstimo; nem para queimar servia, pois o seu tronco, que atinge por vezes diâmetros que seis ou sete homens de mãos dadas não conseguem abraçar, é de tal forma fibroso que o machado com dificuldade vence, e não arde com facilidade. Hoje faz-se dele pasta para papel. Os seus frutos, que de longe lembram grandes rataznas suspensas pela cauda, não têm qualquer valor.

À medida que se sobem os degraus que conduzem à região planáltica, região por excelência própria para a colonização europeia, encontramos uma nova zona, totalmente diferente da região litoral. Agora a vegetação é densa. O clima é áspero, quente, húmido; o mosquito é o rei da região, e, de onde a onde, aparecem manchas onde a mosca do sono depaupera populações inteiras. De tarde o «cacimbo» cai sobre os vales, envolvendo as coisas e as pessoas no mesmo manto cinzento e húmido.

Mas esta humidade e este calor são preciosos para a cultura do café e da palmeira do dem-dem, da qual se extrai o conhecido óleo de palma, matéria-prima para a indústria de saboaria, e que constitui igualmente um dos produtos empregados como condimento na culinária indígena. Esta é a região dos produtos da terra mais ricos.

É nestes degraus subplanálticos que o sizal se cultiva, cobrindo as suas fazendas áreas de muitos centos de hectares.

Vencidos os últimos contrafortes da cadeia montanhosa que se estende de norte a sul da colónia e que fornece a sua coluna vertebral, chegamos aos planaltos, onde, duma maneira geral, o clima é saudável. Os mil e tantos metros de altitude (regiões há onde se atingem os 2.000 como na Hum-pata) bastam para que se goze duma temperatura amena.

A vegetação é mais rasteira. É esta a região de eleição para as culturas europeias, que, embora pareça estranho, espécies há que melhor se criam naquelas latitudes do que nas nossas.

O milho, base da alimentação dos indígenas, é aqui cultivado em larga escala. A colonização branca é notável; as vilas e cidades sucedem-se, principalmente na linha de penetração do Caminho de Ferro de Benguela e nos termos do Lubango.

Depois, até à fronteira, mantém-se mais ou menos o mesmo aspecto. Longas estepes, as «anharras» ou «chanas» como lá se chamam, e que são vi-

# ANGOLA

POR M. SANTIAGO NOGUEIRA

veiros imensos de antílopes de toda a espécie. As culturas puramente tropicais já nos ficaram para trás.

Tirando as baixas dos rios, onde as bananeiras nos fazem lembrar que estamos em África, dir-se-ia que, contemplando um «anhara», estamos em presença duma vasta seara de trigo madurinho, esperando há milhares de anos por hipotéticos ceifeiros que metam as suas foices a tão promettedora messe.

No extremo sul, temos ainda uma zona desértica. É o deserto de Moçâmedes, vasto areal de centenas de quilómetros, onde infundáveis manadas de gazelas — as cabras de leque — conseguem discor-tinar entre os pedregais, umas raras hervas sal-gadas de que se alimentam. Aqui também se encontram alguns bandos de avestruzes, e lindas famílias de zebras.

Neste vasto território, tão diferente de região para região, espalha-se uma heterogénea população indígena duns escassos três milhões de almas.



Das diferenças de meio deveriam, logicamente, diferenças de hábitos, de costumes, de maneiras de sentir.

Enormes são as diferenças de civilização adquiridas pelos indígenas. Nas grandes cidades, nomeadamente em Luanda, a grande maioria dos indígenas é já senhora duma razoável dose de instrução. O alfabetismo é corrente. Sabem que uma constituição existe, e que por ela são considerados cidadãos com iguais direitos perante a lei e perante os tribunais. Quem é que vivendo em Angola não conhece os «advogados» Ambaquistas? Quem não leu algumas das suas cartas ou reclamações junto das autoridades por qualquer acidente, ou facto que lesa os seus legítimos direitos, ou os do patrício seu «constituente»?

Pois bem, desde este máximo, chamemos-lhe assim, até à mais completa incultura, aos mais baixos níveis de civilização, existe toda uma longa escala, que termina nas tribos dos «Uncaucas» ou «Camessequeis», que fazem parte do grupo rácico dos «Bochimanés».

Estes homens vivem ainda uma fase de desconhecimento total de todos os aspectos da civilização. Não têm sequer uma linguagem articulada. Comunicam as suas ideias por meio de sons guturais e de pequenos estalidos dados com a língua; vivem empoleirados nas árvores; alimentam-se quase que exclusivamente de mel silvestre e de algumas raízes.

A maioria, no entanto, está num nível intermédio, no que respeita à civilização adquirida. Apesar de tudo, vivem uma vida de miséria, com uma única preocupação: arranjar o suficiente para pagar o imposto com que o Estado os colectou.

Uma vez liquidada esta obrigação, uma vez conseguido o selo mágico colado na caderneta individual atestando que, pelo prazo de um ano estão quites com a Fazenda Pública, acabaram-se as

## TA NUM RELANCE

ESTUDANTE NA FACULDADE DE MEDICINA

preocupações, e vá de extinguir o magro salário em mil bugigangas sem utilidade, mas que os atraem da mesma maneira que às crianças seduzem e tentam os brinquedos expostos nas montras. E de facto como crianças grandes devem ser encarados. O seu nível mental, duma maneira geral, está para o nível mental do europeu, quase como o de uma criança está para o dum adulto.

Daqui resultam naturalmente mil e uma consequências.

A tendência para as mais variadas crendices, o gosto pelas lendas, que conservam ciosamente e que só muito raramente confiam aos brancos, a paixão pelo canto e pela dança, etc. Têm por vezes belas qualidades, mas, infelizmente os defeitos avultam. Raças há, como por exemplo os «Mucubais», no seio das quais o roubo é considerado uma virtude. Os jovens são especialmente treinados no roubo, e só atingem direitos de maior idade, inclusivamente o de constituir um lar, quando perante a tribo tive-

rem executado qualquer proeza, da qual tem de fazer parte um roubo audacioso.

A poligamia também é corrente em algumas regiões, mas não em todas.

Conheci pessoalmente um soba na Lunda, de seu nome Piripiri, que era senhor de quinze mulheres, se não estou em erro.

Creio que este exemplo é característico demais, pois não é vulgar avultar a tantos, o número de mulheres destes senhores, que ainda hoje, apesar do longo domínio dos europeus, gozam de apreciável prestígio entre os seus vassallos que os temem, os servem e os respeitam.

De Deus fazem, segundo creio, uma ideia remota. Para eles o «Zambi» (Deus) dá-lhes castigos, inclusivamente mata-os, usando para tal as faíscas durante as trovoadas, mas, não tenho ideia que façam ou intentem fazer qualquer coisa para apaziguar as iras divinas. Dizem que se Deus matou este ou aquele, foi porque lá tinha as suas razões para o fazer. Certamente o coração daquele que foi atingido, não estava suficientemente limpo para que Deus lhe concedesse a graça de lhe prolongar a vida. Usando desta mesma lógica, metem-se afoitamente por rios cheios de jacarés, porque sabem que o «gando» (jacaré) só comerá aqueles que estiverem com o «coração sujo», para empregar a sua própria expressão.

A par do «Zambi», crêem nos espíritos, adoram ídolos, e, se não têm hoje cerimónias sangrentas, com refeições feitas à custa de vítimas humanas, tal se deve à acção repressora das autoridades, que empregam os seus esforços para as evitar.

Mas, pergunta-se, e aqueles que já estão cristianizados?

De facto, muitos milhares de naturais têm ouvido falar do verdadeiro Deus. Muitos vivem à sombra das Missões, que têm em Angola uma obra notabilíssima. Para ser justo devo confessar, no entanto, que julgo que uma grande parte daqueles que receberam o Baptismo, seja qual for o Credo da Missão onde se realizou a cerimónia, e que portanto se dizem cristãos, não fazem do cristianismo uma ideia perfeita. Na Lunda, uma das regiões que melhor conheço, há Missões Católicas e Missões Americanas não sei de que denominação. Pois bem, a maioria dos fiéis, se tal se pode chamar aos membros baptizados naquelas Missões, apenas sabiam que pertenciam ao «Catolique» ou ao «Amerique», como eles dizem, afrancesando a pronúncia daquelas palavras, o que é compreensível dada a proximidade da fronteira do Congo Belga.

De resto as suas vidas eram iguais, ou quase, às que levavam os outros que os rodeavam. As mesmas crenças, os mesmos temores supersticiosos, as mesmas consultas aos feiticeiros.

Cristãos convictos há-os, de facto, mas ou nas cidades, onde os benefícios da civilização e o exemplo dos europeus mais se fazem sentir, ou então dentro dos muros das Missões, entre os auxiliares dos Missionários, tais como catequistas, enfermeiros, etc.

Compreende-se que é muito difícil conseguir que de um jacto se deixe a barbárie, se abandonem crenças e costumes milenários.

Das suas cerimónias religiosas, ou semi-religiosas, apenas conheço, e mal, a da circuncisão que se pratica nos primeiros anos da adolescência. Fa-

(Conclui na página 15)



# NÓS E A BROTÉRIA

Vamos pôr de lado tudo o que não seja essencial ao bom nome dos Adventistas e ao esclarecimento da causa em discussão. Tratava-se de duas calúnias publicadas na *Brotéria* de Fevereiro p. p., num artigo de A. Veloso que procurámos corrigir, na simplória ideia de se tratar de um articulista normal e bem intencionado. Desafiámos o sr. Veloso a provar: 1.º — Que na Igreja Adventista havia padres que se tinham amasiado e, assim, se fizeram adventistas; 2.º — Que na mesma Igreja, em Portugal ou no estrangeiro, comunistas militantes andaram a fazer-se adventistas, — para assim, à sombra da liberdade religiosa, minarem, impunemente, a alma das nações católicas.

Dezasseis páginas e meia gastou a *Brotéria*, na publicação de uma série de aleijados raciocínios, dos quais se conclui:

I — Não há na Igreja Adventista nenhum padre que tenha saído amasiado do romanismo ou que se tenha amasiado depois disso e, muito menos, tivesse sido admitido amasiado. E ainda menos, claro está, seriam considerados membros de uma congregação adventista pelo facto de estarem «assim», sob o ponto de vista social.

Mas ficamos chocados pela explicação dada à pág. 585 deste número da *Brotéria*. Tratava-se de interpretar o termo amasiado segundo a letra dos regulamentos da seita romanista. Os padres não podem casar e, quando casem, não é válido o casamento. Logo estão... amasiados.

Claro está que todos os santos papas, bispos, cardeais, frades e padres que se fartaram de deitar filhos ao Mundo, se a História é verdadeira, não estiveram amasiados, porque não levaram as mães dos seus filhos ao registo civil para assumirem a responsabilidade de maridos e pais! Falamos do passado histórico e deixamos o presente, por ser do conhecimento geral dos habitantes das nossas aldeias, vilas e cidades.

Mas, à face da doutrina cristã, da letra da Bíblia, a base divinamente inspirada do Cristianismo, um padre que assume legalmente a responsabilidade de marido, de chefe de família e de pai está apenas cumprindo a ordem divina, dada nos seguintes termos:

«Convém que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher... que governe bem a sua casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia. Porque se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?» (S. Paulo, I a Tim. 3:17).

A Igreja Romana, que se diz sucessora dos Apóstolos, em determinada altura da sua existência denominacional, passados muitos séculos depois de Jesus, resolveu escangalhar a doutrina apostólica e a prática secular do casamento, entre os seus ministros,

decretando o celibato clerical, não sem que enérgicos protestos ecoassem por todo o Mundo. A mudança de qualquer ponto doutrinário do cristianismo bíblico traz consequências funestas. Assim aconteceu com o celibato clerical. Convidamos o leitor a refrescar a memória na leitura do respectivo capítulo da história do Cristianismo para ver que o romanismo nem sempre é apostólico.

O articulista Veloso, ao escrever numa revista de cultura geral, destinada ao público e não a teólogos, empregou o vocábulo amasiados sem aspas nem qualquer indicação de considerar o mesmo sob aspecto teológico, se tal é a redacção dos regulamentos romanistas. O público, por força, atribuiu-lhe o significado do dicionário. Houve um insulto premeditado, com a desculpa já previamente arranjada e assente numa ambiguidade de sentido.

Uma garotice mal intencionada.

De resto, com efeito, nós devíamos saber que os vigários consideram como «amasiados» todos os cônjuges, casados à face da Lei, que não tenham ido pagar ao representante do Vaticano os direitos de patente.

II — Após quatro meses de investigação sobre comunistas militantes na Igreja Adventista, em Portugal ou no estrangeiro, ficamos seguros de não encontrar um só para amostrear. Os adventistas tratam de religiar e voluntariamente vivem alheios à política.

Para aquilatar do valor cerebral e moral do articulista convém analisar o silogismo empregue para demonstrar que o adventismo protege o comunismo:

Os maçónicos aderiram ao comunismo.  
Os protestantes uniram-se aos maçónicos.

Logo, «parece que a suposição não é, de todo em todo, falha de probabilidade».

Isto é: «parece que a suposição de que, por toda a parte, comunistas militantes se estão a fazer adventistas, não é, de todo em todo, falha de probabilidade».

Ficamos inteirados que o tal informador, sobre comunismo dentro do Adventismo, fez uma simples... suposição.

Ficamos, por outro lado, na dúvida sobre as faculdades mentais do articulista ou, se de facto é normal, sobre a sua honestidade de polemista cristão.

Com efeito: admitamos, mesmo sem prova nenhuma, ser verdade que os maçónicos aderiram ao comunismo e que os protestantes aderiram aos maçónicos. Precisariamos imediatamente analisar dois factos importantíssimos: a) Não há nenhuma igreja cujo nome seja «Protestante». Protestante é um termo



Breve análise ao artigo de A. Veloso, na *Brotéria* de Maio p. p. sobre:  
**«As seitas protestantes, o comunismo e a maçonaria»**

genérico, abrangendo numerosas congregações cristãs com orgânica e finalidade diferentes. Mesmo que um certo presbiteriano brasileiro se filiasse no maçonismo, há dezenas de anos, não implicaria esse facto que a Igreja Presbiteriana fosse maçónica e, muitíssimo menos, que os protestantes estivessem unidos aos maçónicos. b) Os protestantes podiam estar unidos a maçónicos por laços muito diversos dos políticos. O articulista Veloso pode estar ligado a maçónicos nos diversos sectores da vida.

Logo, para que o raciocínio de Veloso fosse aceitável por pessoas normais, seria necessário demonstrar:

1.º — Que os maçónicos aderiram ao comunismo;

2.º — Que todas as denominações protestantes e também a Igreja Adventista Portuguesa estavam unidas aos maçónicos com o fim político da implantação do comunismo.

O articulista Veloso caluniou a Igreja Adventista Portuguesa atribuindo-lhe afinidades políticas. O seu raciocínio leva, de forma clara, a conclusões malélicas, estribadas em premissas falsas, já se vê. O seu fim, se não é um anormal, prova a maldade de que está possuído. Quem não vê a marcha do seu si-logismo?

Os maçónicos foram postos fora da Lei. Os protestantes, e entre eles os adventistas, estão unidos aos maçónicos (uma falsidade).

Logo os adventistas devem ser postos fora da Lei (uma patifaria).

Por aqui teremos de ficar. Não entraram padres amasiados na Igreja Adventista nem esta mudou ainda, em Portugal ou qualquer outro país, a sua atitude perante a política, nacional ou internacional, de que se mantém totalmente alheia. Todos os políticos lhe são muito respeitáveis. De resto, não é só com a política que nos mantemos alheios: estamos de acordo com os modelos de vestuário e calçado que a maioria ache conveniente aceitar.

Na casa do Advento serão sempre bem-vindos os filiados de qualquer partido político que desejem retemperar o seu espírito na leitura e meditação do Evangelho de Jesus, na certeza de nunca ouvir uma só palavra de encorajamento ou repreensão à sua maneira de pensar sobre administração nacional ou internacional.

Pelos vistos, na Igreja de Roma não se passam assim as coisas. À entrada das suas portas, os sacerdotes fazem a destrinça política dos indivíduos conforme vão entrando para o culto? Exigem os padres um certificado anticomunista aos que se vão casar? Já fizeram nas paróquias um exame aos inscritos nos registos do baptismo para haver certeza de não ser comunista nenhum dos seus membros?

Se não fizeram, arriscam-se a considerar como bons romanistas muitos comunistas. E por que não

poderão sê-lo? Não são romanistas, segundo a *Brotéria*, oito milhões de cidadãos da U. R. S. S.? Com a máxima franqueza, sem desrespeito para ninguém e mantendo que não há comunistas nas igrejas adventistas, permitam-me que confesse não perceber que um comunista não possa ser cristão de qualquer denominação actual. Se a maioria comunista pudesse encher o espírito da beleza cristã salvar-se-ia na eternidade e evitar-se-ia muita coisa feia e pecaminosa.

Mais algumas palavras sobre afirmações contidas neste artigo em análise:

### *Página 582*

Compreendemos que o livro do adventista W. A. Spicer — *A nossa Época e o Destino do Mundo* — seja o motivo que levou o articulista ao ataque do Adventismo nas suas muralhas mais fortes, errando o tiro.

Spicer, de facto, analisou o Papado à luz da Profecia e conclui que é, nem mais nem menos, o Anti-Cristo. Pode ser que esteja errado; seria bom prová-lo; queira o articulista apresentar outra interpretação mais adequada. Adventista é o crente na promessa de Jesus sobre a Sua vinda. Pode-se ser Adventista e interpretar de outra forma o Apocalipse, caso a nova interpretação se prove mais exacta, mais de harmonia com a letra e espírito da Bíblia. Mas, se, pelo contrário, a interpretação de Spicer for a mais correcta, que culpa teremos nós? Será isso razão suficiente para nos atacar como comunistas?

Ainda se pode ir mais longe. Admitamos que Spicer caluniou o Papado. Podem chamá-lo à responsabilidade pelos tribunais competentes nos Estados Unidos; mas o que não devem é atacar-nos com a mentira, a nós adventistas portugueses.

### *Página 584*

Nós concordaremos sempre com o que for verdade. Não gastaremos tantas palavras ociosas como o articulista Veloso para confessar a verdade. O nosso alvo é aquele conselho de Cristo: «Sim, sim. Não, não».

Mas concordamos com a doutrina da Segunda Vinda de Jesus, segundo foi apresentada pelo seu artigo. Ora, se a doutrina do Advento é, entre nós, aquela que o sr. Veloso diz ser a da Igreja de Roma, não será mais normal aceitá-la do que combatê-la? Combater a nossa doutrina sobre o Advento é combater essa sua doutrina a que chama verdadeira. É contradizer-se.

A nossa concordância prova apenas a sua discordância da verdadeira doutrina ou, então, a sua ignorância do assunto que trata.

(Conclui na página 15)



Leitura para Terça-feira, 16 de Novembro

## CONSAGRAÇÃO — O SEU ACTUAL SIGNIFICADO

POR LUÍS K. DICKSON

Já vai sendo tempo para a Igreja reafirmar a sua fé no poder invencível da mensagem que Deus nos deu. Ora isto só pode ser possível pela posse individual daquele poder ilimitado que é essencial para levar a mensagem a todo o mundo.

O poder está prometido e resta que dele nos apossemos.

Deus pede que, de novo, façamos um compromisso de lealdade e nos consagremos a este grande objectivo; principalmente, o revestimento do Espírito Santo, na última chuva. Tal consagração deve ocupar o trono de cada uma das nossas existências, se o grande programa da evangelização mundial, no qual empenhamos os nossos esforços, tiver de ser completamente realizado.

Grandes correntes de bênção e poder aguardam as forças da última igreja. O reavivamento espiritual de proporções históricas está-nos prometido e Deus pede que façamos dele assunto da máxima importância nas nossas vidas. Eis aqui a mais elevada tarefa jamais concedida à Igreja e que deve ter a precedência sobre todas as outras fases do nosso programa.

Consagração, no momento presente, significa abandonar todos os desejos egoístas e dedicar tudo quanto temos e somos na certeza de que aquele dia, prometido por Deus, será maior do que o Pentecostes. Temos de planear em vista dele, orar por ele, trabalhar por ele, obtê-lo o mais depressa possível. Temos de viver agora em atitude de grande expectativa e Deus irá cumprir em nós cada promessa de poder que fez à Sua Igreja. Na atmosfera de arrependimento e serviço voluntário encontraremos acesso amplo a tudo quanto deveríamos possuir para darmos cumprimento aos Seus propósitos divinos.

A mensagem de Deus para consagração, nesta hora portentosa, chega até nós, pela pena do apóstolo Paulo: «Rogo-vos, Irmãos, pela misericórdia de Deus, que apresenteis aos vossos corpos como sacrifício vivo, santo, aceitável perante Deus, o que é o vosso culto racional» (Rom. 12:1). A consagração final, para esta hora derradeira, significa sacrifício do eu, a tal ponto que muito poucos dentre nós conheceram até à data. Significa que, com Paulo, nós podemos olhar Deus face a face e dizer sem reticências: «O que para mim era ganho reputei-o como perda por Cristo» (Fil. 3:7). Riqueza, cultura, altos postos, cursos, instrução, habilidade natural tudo parecerá mesquinho quando vistos à luz da glória de Cristo, consoante é revelada na face do

Senhor. Todos os ganhos antigos ficarão então diminuídos e serão considerados como esterco perante a pérola de grande apreço. «Nada tendo, e tudo possuindo», será a nossa experiência.

Será este o *test* desta hora final. Com o fim de viver, de crescer, de realizar a tarefa apontada pelo próprio Deus, para este tempo solene, tem de ser esta a nossa experiência diária. Esta experiência tem de preceder a recepção dentro de nós da perfeição do Seu Poder para acabarmos a obra. Se aceitarmos o apelo de Deus a uma *actual* consagração e à realização do Seu trabalho, havemos de desenvolver nos nossos corações uma fome profunda e uma sede violenta pelo dom do Espírito Santo, um apelo de tal natureza que trará a máxima resposta da parte de Deus.

Sentir-se-á a falta de uma tão grande fome e de um apelo tão veemente nas nossas vidas, no momento presente? Se este não for o caso, não haverá esperança. Por meio de uma submissão completa, total e contínua à vontade revelada de Deus, será posta no vosso coração essa sede, como resposta à vossa oração de fé. A maior ameaça à realização de tal experiência encontra-se dentro das nossas próprias vidas, nos termos compromisso, negligência, indiferença e complacência. Se Satanás pode obter agora êxito em ofuscar a visão, de maneira que não possamos ver o dedo de Deus apontando, nem ouvir a sua voz dizendo que façamos progressos nesta vida de inteira consagração, ele realizará uma grande e trágica vitória.

### Verdadeira devoção

No mais profundo das nossas almas existe hoje o cansaço da hipocrisia. Sofremos de falta de sinceridade e compromisso na nossa vida religiosa. Pode ser que não abramos agora mesmo os nossos corações a mais profunda devoção e a mais genuína fé, para que Deus possa realizar em cada um de nós uma nova conversão para nos preparar a sermos cheios do Espírito Santo.

Se a nossa devoção e consagração forem aceitáveis a Deus isso nos levará a reflectir a vida de Cristo, dia a dia. Quão importante é que tal reflexão se faça neste tempo, está revelado nesta frase: «Aqueles que recebem o selo do Deus vivo e são protegidos no tempo da perturbação, devem reflectir



tir a imagem de Jesus de forma completa». (*Primeiros Escritos*, pág. 71).

A consagração de Paulo levou-o a glorificar-se na cruz de Cristo. «Que Deus não permita que eu me glorie noutra coisa a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo» (Gál. 6:14). Não se gloriava nos seus conhecimentos embora os tivesse e de valor. Não se gloriava na sua ilustre linhagem, embora pertencesse à tribo de Benjamim. Era um chefe nato mas não se gloriava no seu poder de condução. Era ambicioso por natureza mas não se gloriava nas suas aquisições pessoais. Tinha um entusiasmo inesgotável mas nunca se gloriou no seu zelo como Cristão. Era rico mas não se gloriou nas suas riquezas. Todas estas coisas eram levadas à sujeição da cruz para que Cristo pudesse ser nele glorificado.

Era a verdadeira consagração que levava o apóstolo a desejar ser tornado à imagem da morte de Cristo. Ao longo dos caminhos da sua vida, Paulo tomou a sua cruz diariamente. Aspirava possuir a mesma piedade que Cristo tinha pelas misérias da humanidade; o mesmo anseio pelas almas que perecem. Bem sabia que tudo isso só viria a ser propriedade sua após sacrifício. Bem sabia que, diariamente, tinha de deixar as faculdades e renunciar ao ganho e crédito pessoais e ser chamado a constantes sacrifícios do seu eu. Mas o espírito de Cristo apoderara-se da sua alma e ele aspirava a ser semelhante ao Seu Mestre. A conformação do espírito à cruz é a marca de Cristo na vida. «Se... com Ele sofreremos — exclama o apóstolo — com Ele seremos glorificados» (Rom. 8:17).

Este tipo de consagração completa provém da íntima comunhão com Cristo. «Camaradagem com o Filho» nunca provém repentinamente. Procurar e indagar Cristo com todo o nosso coração, através da sincera oração da fé, levar-nos-á àquela proximidade sagrada com o nosso Senhor. Quando as nossas vidas se juntarem à Sua em amável companheirismo e perfeita concordância, unidos em mútuo amor, então pairará sobre nós, quando em secreta oração, a quietude e satisfação que são a característica da verdadeira comunhão com Deus.

## O exercício da fé pessoal

O poder da ressurreição, o poder do Espírito Santo prova-se e recebe-se melhor em circunstâncias difíceis da vida e quando defrontamos empresas difíceis e duras experiências. Nesse momento envolve-nos uma espécie de atmosfera de calma e de certeza soalheira que nos permitem fazer coisas impossíveis. A impossibilidade desaparece para as almas fortalecidas pelo Seu poder no homem espiritual. «Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece» (Fil. 4:13). «Somos mais do que vencedores n'Aquele que nos amou» (Rom. 8:37).

João Smith, o homem cuja piedade sacrificadora deixou tão firme selo em centenas de Harrovianos, estava uma vez a falar de certa manifestação de coragem moral a um velho aluno que lhe notou: «Isso é muito difícil. Pergunto-me se ele poderia ter feito tal coisa». «Difícil?» respondeu Smith. «Difícil? Ele era um Cristão». Tal era a medida do espírito cristão apostólico. Os irmãos daqueles primeiros dias enfrentaram as incertezas do caminho escabroso que trilharam e levaram os graves pesos das suas existências com a fé de que tinham

equipamento suficiente para cada batalha e que cada conflito era apenas uma oportunidade para uma conquista adicional da fé. A sua construção, a sua devoção eram Cristãs e completas.

Paulo não estava falando apenas por si mesmo mas reflectia o verdadeiro espírito do Pentecostes quando escreveu da sua consagração nas seguintes palavras: «Estou crucificado com Cristo e já não sou eu que vivo mas Cristo vive em mim: e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus que me amou e se entregou por mim» (Gál. 2:20).

«Cristo vive em mim» era o segredo de tudo. Paulo era cômico da presença íntima do Senhor Jesus Cristo no seu coração e na sua vida. Como se tornou ele cômico da íntima presença de Cristo? Compreendeu o que mais tarde João escreveu nas seguintes palavras: «Deixai que habite em vós aquilo que vós ouvistes desde o princípio. Se aquilo que ouvistes desde o princípio permanecer em vós, vós continuareis no Filho e no Pai. E esta é a promessa que Ele prometeu, a saber, a vida eterna». (1 João 2:24, 25).

Paulo compreendeu os termos em que poderia realizar o cumprimento da promessa da vida eterna. Vivia de acordo com esses termos cada dia Sempre se alegrou nos termos da sua própria e grande conversão e assim aprendeu a «continuar no Filho» ou a permanecer em Cristo. Ele era continuamente leal «àquela visão celestial» e continuava a conhecer o Senhor e a seguir a luz à medida que ela brilhava no seu atalho. Estava pronto a ouvir aquela voz mansa e pequena e a responder rapidamente numa obediência voluntária e amável.

## Vivendo em Cristo

Não entrou no plano de Deus que o nosso amor minguisse ou murchasse mas, pelo contrário, que aumentasse e se desenvolvesse até que nós ficássemos mergulhados numa nuvem da glória de Deus para as nossas vidas.

«Viver em Cristo é simplesmente escolher as disposições de Cristo de maneira que Ele identificasse o Seu interesse com o vosso. Quando abandonardes o vosso querer, a vossa própria sabedoria e aprenderdes de Cristo como Ele vos convidou a fazer, haveis de encontrar então acesso ao reino de Deus. Ele requer uma rendição inteira e sem reservas. Entregai-lhe a vossa vida para que Ele a oriente, lhe dê forma e feitio. Tomai sobre o vosso pescoço o Seu jugo, sofri serdes conduzidos e ensinados ao mesmo tempo que ensinais e conduzis.

Aprendeis que, a não ser que vos torneis como criancinhas, nunca entrareis no reino dos Céus. Permaneci nele para fazerdes só e serdes apenas o que Ele desejar. São estas as condições do discipulado». (Mrs. E. G. White, in *Gospel Herald*, Abril 23, 1902, pág. 123).

A vidas destas, nada acontece que desanime ou vença a sua fé e consagração. Uma tal vida encontrou alguma coisa na sua experiência que provoca um cântico no meio da escuridão da meia-noite ou nas preocupações e armadilhas do inimigo. Uma tal vida descobre Deus e a Sua glória e poder sem par. Estêvão fez esta experiência. Estava rodeado de inimigos; estavam rangendo os dentes contra ele; nas suas mãos estavam pedras para o apedrejarem. Mas mesmo naquela hora trágica a fé triun-



fou. «Mas ele, cheio do Espírito Santo, olhou firmemente para o Céu e viu a glória de Deus e Jesus de pé à direita de Deus e disse: Eis que vejo os Céus abertos e o Filho do homem de pé à direita de Deus». (Actos 7:55, 56).

Deus nunca abandonará os que se consagram na vida a Ele e vivem em Cristo. Uma tal vida conservada em contacto constante, momentâneo, incessante com Jesus Cristo há-de sentir a contínua pre-

sença do Espírito Santo. É apenas por virtude da nossa constante união com Cristo que receberemos o dom do Espírito. Não há processo mais seguro para perdermos o poder do Espírito Santo do que deixar esta contínua união com Cristo. Temos de considerar com muita atenção esta nossa experiência de consagração e camaradagem com Cristo, nestes tempos actuais, que são a época do derramamento da chuva da última estação.

*Leitura para Quarta-feira, 17 de Novembro*

## DEVEMOS MUDAR AS NOSSAS MENTES

POR MEADE MacGUIRE

Quatro rapazes planearam visitar a cratera de um vulcão em certa ilha. Subiram à montanha até a um ponto em que o atalho, rodeando um outeiro, tomava a direcção da cratera, enquanto outro atalho, partindo do mesmo ponto, conduzia ao cimo da montanha. Chegados a este ponto, dois dos rapazes mudaram de ideia e decidiram não descer à cratera mas subir à montanha. Os outros dois continuaram o caminho para a cratera escancarada, onde aspiraram gases venenosos e morreram antes de terem chegado junto deles os respectivos socorros. Os dois que subiram ao cimo livraram-se daquela morte porque mudaram de opinião.

Temos aqui uma fraca ilustração desta grande verdade espiritual segundo a qual, a não ser que nós mudemos de opinião, também nós havemos de perecer. O apóstolo Paulo declara: «Que a mentalidade carnal é a morte, mas a mentalidade espiritual é a vida e paz» (Rom. 8:6). Nós necessitamos definitivamente de apanhar a ideia de que há dois tipos de mentalidade — a carnal e a espiritual e de que uma é a morte e a outra a vida. Seria bom para nós, durante esta hora, perguntarmos com atenção: «Tenho eu uma mente carnal ou uma mente espiritual?»

Na criação Deus colocou o homem muito acima das outras criaturas vivas fazendo-o à Sua imagem. Foi revestido pelo Criador com admiráveis faculdades intelectuais de percepção, razão, emoção e vontade. Mas o que o trouxe a mais íntimas relações de amizade com Deus foram as faculdades morais e espirituais da mente. A sua mente era perfeita e dada a impulso e o desejo era puro e santo e de harmonia com a lei divina do amor. Quando Adão sucumbiu à tentação e desobedeceu a Deus, a sua mente, até ali espiritual, tornou-se carnal. Ele tinha pecado e como resultado tornou-se impuro, perdeu a santidade e morreu espiritualmente, porque Deus tinha declarado que, no dia em que comesse do fruto proibido, morreria. Cada criança nascida neste Mundo desde a queda de Adão herdou a mente carnal por natureza de Adão. A raça humana, num tempo relativamente curto, tornou-se tão má que Deus teve de destruí-la, salvo oito pessoas. «Viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a Terra, e que toda a imaginação dos pensa-

mentos e do seu coração era só má continuamente» (Gén. 6:5).

À margem nos é dito inclusivamente os «propósitos e desejos» do seu coração. Assim vemos o terrível e inevitável resultado de ter uma mente carnal. As Sagradas Escrituras empregam a palavra «mente» e «coração» alternadamente, e às vezes fala dos «pensamentos do coração». O apóstolo Paulo diz-nos que: «E como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso para fazerem coisas que não convêm» (Rom. 1:28).

### A nossa condição de hoje

O apóstolo Paulo descreve a condição natural da família humana inteira. «E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que noutro tempo andastes segundo o curso deste Mundo, segundo o princípio das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência, entre os quais todos nós também antes andávamos, nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira como os outros também» (Efés. 2:1-3).

Somos todos «por natureza filhos da ira, porque todos temos por natureza a mente carnal, que é a morte. Isto é o que Jesus ensinou. Quando Nicodemos, o doutor de Israel, veio a Jesus, sabendo que Ele era o Mestre vindo de Deus, as primeiras palavras que o Salvador lhe dirigiu foram: «Na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus» (S. João 3:3).

Isto parecia estranho a Nicodemos, porque não tinha compreendido a necessidade de mudar de mente. Assim Jesus, procurando esclarecer o assunto, disse: «O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é espírito» (João 3:6). A palavra «carnal» vem da «carne»; assim alguém nascido da carne é carnal, e a mente carnal é a morte. Portanto, sem o homem nascer de novo, e assim receber a mente espiritual, está perdido.

O apóstolo mostra plenamente como está morto quem tem a mente carnal. «Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeito



à lei de Deus nem, em verdade, o pode ser. Portanto os que estão na carne não podem agradar a Deus» (Rom. 8:7,8). Importante, pois, é compreender que cada acto da nossa vida é promovido por um motivo que tem a sua origem na mente. Cada acto falso que cumprimos ou palavra que dizemos tem a sua origem na mente. Se a mente é impura, corrupta e pecadora, como podem ser puros, nobres e elevados os pensamentos originados de lá? A mente carnal está morta, «porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne» (Rom. 8:5). A questão de suprema importância é:

### Como posso mudar a minha mente?

Quão agradecidos teríamos de ser de poder achar na palavra de Deus uma resposta clara e definida a esta questão vital. «Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, *mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento*, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus» (Rom. 12:1,2).

Há-de haver uma inteira mudança da mente a respeito de duas coisas: este mundo e a vontade de Deus. A mente carnal está conformada ao mundo; a mente espiritual está conformada à vontade com os seus prazeres e hábitos, as suas associações. A pessoa que tem uma mente carnal admite muito bem que não quer estar perdida, mas não pode ver falta alguma nas coisas que ela faz. O nível cristão parece desnecessariamente alto. Ele não pensa tanto na vontade de Deus, tanto como nos seus próprios desejos e prazeres. Pode ser baptizado e unido à Igreja e pode ser então pior do que antes por a sua atitude ser mais carnal ainda do que espiritual. A Escritura mostra isso muito claramente.

«Não ameis o Mundo, nem o que no Mundo há. Se alguém ama o Mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que é do Mundo, concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do Mundo. E o Mundo passa e a sua concupiscência, mas aquele que faz a vontade de Deus, permanece para sempre» (João 2:15-17). Mais uma vez aqui é posto em ênfase o contraste entre os que estão conformados ao Mundo e os que estão conformados ao Pai. As Sagradas Escrituras dizem que deve ser transformado pelo renascimento do entendimento.

A definição do «transformado» é dar uma nova forma ou aparência como a mudança de uma larva em borboleta. Que interessante ilustração da maravilhosa transformação operada por um novo nascimento! Quem tem uma mente carnal é como um verme rastejando no pó e na lama da terra. Alguém com uma mente espiritual é comparado a uma linda borboleta voando, de flor em flor, no ar puro e nos raios de Sol. Assim a nossa inteira relação com Deus e com o nosso próximo é toda mudada. Como é triste ver alguém unido à Igreja, ainda pegado à vida de verme.

É muito importante para nós ver, muitas vezes, estas preciosas verdades. Estamos cercados por todos os lados com as tentações do grande inimigo. Se ele puder levar as nossas almas a ser absorvidas com as coisas deste Mundo, perderemos

o nosso caminho. É na contemplação de Jesus que nós somos mudados à Sua imagem pelo Espírito do Senhor. Mas não é bastante contemplá-l'O uma vez por semana ou uma vez por dia.

«No novo nascimento, o coração é trazido à harmonia com Deus e também na mesma medida em que obedece à Lei de Deus. Quando esta poderosa modificação teve lugar no pecador, este passou da morte para a vida, do pecado para a santidade, da transgressão e rebelião para a obediência e lealdade. A velha vida de alienação de Deus está terminada; a nova vida de reconciliação, de fé, de amor, iniciou-se. Então a «justiça da lei» será realizada em nós que andamos, não após a carne, mas após o Espírito» (*Grande Controvérsia*, pág. 468).

O apóstolo Paulo exorta-nos a expulsar o «velho homem» que «se corrompe pelas concupiscências enganosas», e que não passa de outro nome atribuído à mente carnal; e nos vistamos do «novo homem» que «segundo Deus é criado em justiça e verdadeira santidade», o que é também outro nome para mente espiritual.

Que gloriosa possibilidade se coloca perante nós no apelo do apóstolo Paulo em Filipenses 2:5. «Exista em vós a mesma mente que existia em Cristo Jesus». Como poderemos nós esperar viver a vida de Cristo se não tivermos a mente de Cristo. E se tivermos a mente de Cristo só poderemos viver a Sua vida.

Séculos antes de Jesus estava escrito acerca d'Ele: «Deleito-me em fazer a Tua vontade, ó meu Deus: sim, a Tua lei está dentro do meu coração (Sal. 40:7). Agora se nós temos o coração ou mente de Cristo, nós teremos o mesmo amor da lei de Deus. «Porque este é o concerto que Eu farei com a casa de Israel depois destes dias, diz o Senhor: porei as minhas leis nas suas mentes e escrevê-las-ei nos seus corações» (Heb. 8:10).

### A Fé sem obras é morta

Não ousamos ficar satisfeitos com a mensagem ou a verdade que acreditamos, porque as próprias Escrituras dizem que «os demónios acreditam e tremem». É a experiência actual que revela a mente espiritual nas nossas vidas diárias e nos mostra a nossa verdadeira condição. Agora que temos pensado durante alguns momentos no ensinamento das Escrituras no que respeita à mente carnal — que é morte — e na mente espiritual — que é vida — perguntemo-nos mais uma vez: tenho eu a mente nova? Não basta conhecer a verdade; ela deve tornar-se a nossa experiência, a nossa própria vida. Esta afirmação é apresentada, com ênfase, no seguinte chocante parágrafo dos *Testemunhos*:

«Conversão é um trabalho que a maioria não aprecia. Não é pequeno assunto este de transformar uma mente terrestre, amiga do pecado, e levá-la a compreender o amor inefável de Cristo, os encantos da Sua graça, as excelências de Deus, de forma que a alma seja imbuída pelo amor divino e cativada com os mistérios celestiais. Quando estas coisas são compreendidas a sua vida antiga parece-lhe



odiosa e digna de nojo. Aborrece o pecado e, quebrando o seu coração na presença de Deus, abraça Cristo como a vida e a alegria da alma. Renuncia aos seus antigos prazeres. Tem uma mente nova, novas afeições, novos interesses, nova vontade; as suas tristezas, os seus desejos e amores são todos novos. A concupiscência dos olhos, a concupiscência da carne, o orgulho da vida que, anteriormente, tinham sido preferidos a Cristo, são agora modificados e Cristo é o encanto da vida, a coroa da alegria. O Céu, outrora sem encantos, é agora contemplado na sua riqueza e glória; o crente contempla-o como a sua pátria futura onde ele poderá viver em amor e louvor Aquele que o redimiu pelo Seu precioso sangue.

«As obras de santidade que pareciam aborrecidas são agora o seu deleite. A palavra de Deus, que lhe parecia aborrecida e sem interesse, é o livro preferido agora para o seu estudo, o seu conselheiro preferido. É uma carta escrita para ele e vinda de Deus, trazendo a assinatura do Eterno. Os seus pensamentos, palavras e actos são aferidos por esta regra e por ela experimentados. Treme perante as

suas ordens e ameaças e firmemente se apodera das suas promessas e fortalece a sua alma pela assimilação das mesmas. A sociedade dos mais piedosos é a sua preferida, e nunca mais pode sentir deleite na companhia dos ímpios que anteriormente tanto amava. Chora pelos pecados sobre os quais antigamente ria. Renunciou à vaidade e amor-próprio e vive para Deus e enriquece em boas obras. É esta a santificação que Deus requer. Nada menos do que esta vontade Ele aceita» (*Test.*, vol. 2, pág. 294).

Em um dos nossos *Colleges* tínhamos estado a estudar o assunto de uma completa consagração das nossas vidas ao nosso Salvador. Muitos tinham asseverado nos seus testemunhos o desejo de se renderem por completo ao Senhor. Finalmente um jovem levantou-se e disse: «Decidi entregar-me ao Senhor. Não digo que *desejo fazê-lo*, ou que *irei fazê-lo*, mas *sim que o faço já*». Por certo este é o tempo em que todos os que, na realidade, prezam a salvação, devem procurar com perseverança saber se a mente carnal foi mudada por completo, se temos uma mente espiritual, isto é, a mente de Cristo.

Leitura para Quinta-feira, 18 de Novembro

## O SEGREDO DA VITÓRIA

POR MEADE MacGUIRE

Vulgarmente diz-se, entre nós, que o fim do Mundo está perto. Se, na realidade, acreditamos assim, devemos ter vontade e prazer em estudar a instrução de Deus, dada para estarmos preparados, quando da Sua segunda vinda. Temos de nos lembrar, cada dia, desta verdade vital: «Não podemos estar preparados para encontrar o Senhor só por despertarmos quando se ouvir o grito «Contemplai o Noivo» e, nessa altura, pegar nas lâmpadas vãs com o fim de as ir encher. Não podemos manter Cristo apartado das nossas vidas aqui e, no entanto, estar aptos para a Sua companhia no Céu». (*Lições Objectivas de Cristo*, pág. 423).

Hoje, o inimigo está tão ocupado em exercer o seu poder notável, de forma a manter-nos ocupados, com outras coisas diferentes da nossa actual preparação, para encontrarmos Deus. Parece fácil enganar-nos com o pensamento de que, se estivermos a fazer o melhor que nos é possível, o Senhor, na Sua vinda, mediará os nossos defeitos de carácter. Será bem estudar o que Deus diz a respeito disto.

«Deus requer perfeição dos Seus filhos. A Sua lei é a cópia do Seu carácter e o modelo de todo o carácter. Este modelo infinito é apresentado a todos, para que não haja erro com respeito à espécie de povo que Deus terá no Seu reino». (*Ibid.*, pág. 321).

Muitos de nós esperam ver o trabalho de Deus triunfar gloriosamente e, então, ver o nosso Salvador vir nas nuvens do Céu. Mas estar preparados

exige de nós conhecer exactamente qual é o Seu plano para os que deverão aguardá-lo. Não devemos seguir o exemplo das virgens loucas, quando já é tarde demais. Alguns queixam-se que o nível religioso é demasiado alto, mas o perigo está em que nós o fixemos baixo demais. É Deus quem fixa o nível. Sigamos os Seus conselhos.

«Agora, enquanto o nosso Sumo Pontífice está fazendo a expiação por nós, devíamos procurar tornar-nos perfeitos em Cristo. Nem por um só pensamento poderia o nosso Salvador ser levado a render-se ao poder da tentação... Satanás nada poderia encontrar, no Filho de Deus, que o habilitasse a ganhar a vitória sobre Ele. Ele guardara os mandamentos de Seu Pai e não havia pecado n'Ele que Satanás pudesse empregar para sua vantagem. É esta a condição em que devem estar os que permanecerão no tempo da perturbação. É nesta vida que deveremos separar-nos do pecado, através da fé no expiatório sangue de Jesus». (*Grande Controvérsia*, pág. 623).

A ordem de Deus para os Seus servos, neste tempo, é: «Toca a trombeta em Sião e soa o alarme no Meu santo monte». (Joel 1). Ele conhece a condição da igreja nos nossos dias e diz que «os desmazelados e indiferentes que não se unem aos que têm a vitória e salvação em tão alto conceito que, com perseverança, pleiteiam e agonizam por ela, não a obterão e serão deixados em trevas». (*Primeiros Escritos*, pág. 271). Noutro lado, diz:

«Muitos de nós fracassam em melhorar os



nossos privilégios. Fazemos alguns fracos esforços para agir com rectidão e, depois, regressamos à nossa velha vida do pecado. Se jamais entrarmos no reino de Deus, teremos de entrar ali com caracteres perfeitos, sem uma mancha, ruga ou coisa semelhante» (*Mensagens aos Jovens*, pág. 105).

A ideia segundo a qual, se estivermos fazendo o melhor que pudermos, Jesus se encarregará de quaisquer defeitos e imperfeições de carácter que permaneçam, é muito perigosa. Ouçamos o conselho de Deus sobre este assunto.

«É muito solene a morte, mas mais solene é a vida. Cada pensamento, palavra ou acto das nossas vidas há de encontrar-nos outra vez. O que fizermos de nós mesmos, no tempo da prova, isso ficaremos durante a eternidade. A morte traz a dissolução do corpo, mas não produz mudanças de carácter. A vinda de Cristo não muda os nossos caracteres; só os fixa para sempre e para além de toda a mudança». (*Testemunhos*, vol. 5, pág. 466).

Desde que não pode haver mudança nos caracteres, nem na sepultura nem à vinda de Cristo, é evidente que, se tivermos caracteres perfeitos quando subirmos ao Céu, precisamos obter essa experiência antes do tempo do fim. Este facto solene é outra vez feito, bem claro, nas seguintes palavras:

«Acreditamos sem sombra de dúvida que Cristo volta em breve... Quando Ele vier, não será para nos purificar dos nossos pecados, para remover de nós os defeitos de carácter ou para nos curar das enfermidades do nosso temperamento e disposição. Se este trabalho tiver de ser feito em nosso favor, será feito antes dessa época. Quando o Senhor vier, os que forem santos santificar-se-ão ainda. Os que tiverem reservado os seus corpos e espíritos em santidade e honra receberão, então, o toque da imortalidade. Mas os que foram injustos, não santificados, sujeitos, assim permanecerão para sempre. Nenhum trabalho será então feito em seu favor para lhes remover os defeitos e dar-lhes caracteres santos. O refinador não se sentará para continuar o Seu trabalho de refinação e remover os seus pecados e a sua corrupção. *Tudo isso tem de ser feito nestas horas de provação.* É agora que este trabalho de refinação tem de ser feito por nós... Agora estamos na oficina de Deus. Muitos de nós são pedras grosseiras tiradas da pedreira. Mas, na medida que nos basearmos na verdade de Deus, a influência da mesma exercer-se-á. *Ela eleva-nos e remove de nós cada imperfeição e pecado seja de que natureza for.* Desta maneira nos prepararemos para ver o Rei na Sua beleza e, por fim, unir-nos com os anjos puros e celestiais no reino da glória. É aqui que este trabalho tem de se realizar por nós; é aqui que os nossos corpos e espíritos têm de se preparar para a imortalidade». (*Testemunhos*, vol. 2, págs. 355 e 356).

### ○ admirável plano de Deus

Com esta clara afirmação do modelo de Deus para a Sua igreja expectante, vamos agora estudar a provisão que Ele fez, pela qual cada um dos Seus filhos possa atingir a perfeição de carácter. Lembremo-nos que Deus não espera que alcancemos este nível pelos nossos esforços. Ele diz que uma tal coisa é impossível.

«Quem pode fazer limpo de um imundo? Ninguém». (Job. 14:4). «Pode o Etíope mudar a sua

pele ou o leopardo as suas manchas? Assim podeis vós fazer o bem sendo acostumados a fazer o mal». (Jeremias, 13:23).

Mas podemos alegrar-nos que Deus faz Ele mesmo esse trabalho. «E o próprio Deus de paz vos santifique em tudo e peço a Deus que todo o vosso espírito e alma e corpo sejam preservados, sem mácula, até à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Aquele que vos chama, o qual também o fará». (1 Tess. 5:23,24).

A provisão feita por Deus para nos trazer da morte à vida, do pecado à santidade é tão maravilhosa que nós mal a poderemos exagerar em importância no nosso pensamento, oração e estudo. O apóstolo Pedro declara isto nas seguintes palavras: «Pelo que nos foram dadas excessivamente grandes e preciosas promessas para que por elas possais ser partilhantes da natureza divina, tendo escapado da corrupção que está no Mundo pela concupiscência». (2 Pedro 1:4).

Na tradução de Weymouth estas duas verdades fundamentais estão expressas de forma notável nas seguintes dizes: «Para que por meio delas vós possais, um e todos, tornar-vos participantes da própria natureza de Deus, tendo escapado completamente à corrupção que existe no Mundo através dos desejos terrestres». É esta «participação da natureza divina» que nos liberta por completo da corrupção da velha natureza. Toda a nossa conduta e carácter são determinados pela nossa natureza. Essa natureza é a mola dos nossos pensamentos, palavras e acções. Não podemos viver contrários à nossa natureza. É o que podemos ver ilustrado nas palavras de Jesus:

«Conhecê-los-eis pelos seus frutos. Colhem-se uvas nos espinheiros e figos nos abrolhos? Assim toda a boa árvore produz bom fruto; mas a árvore corrupta produz mau fruto. Uma boa árvore não pode dar mau fruto nem uma árvore corrupta bom fruto». (S. Mateus 7:16-18). O fruto da árvore é determinado pela sua natureza.

Nós herdámos de Adão uma natureza caída e pecaminosa. Quando nascemos, de Deus recebemos a natureza divina. Não ficamos então sob o domínio do pecado e se estudamos para compreender o plano de Deus e cooperar com Ele, alcançaremos o lugar em que só a Sua vida aparecerá em nós. O Apóstolo Paulo escreveu sobre esta experiência: «Estou crucificado com Cristo; contudo vivo ainda; todavia, não eu, mas Cristo vive em mim». (Gál. 2:20). Toda a experiência cristã se resume nestas palavras: «Cristo vive em mim».

Notemos agora como esta experiência afectaria a nossa vida diária:

«Quem confessa Cristo, deve ter Cristo em si. Não pode comunicar o que não recebeu. Os discípulos podiam falar com eloquência sobre doutrinas, podiam repetir as palavras do próprio Cristo: mas, se não possuíssem a gentileza e amor de Cristo, não O estavam confessando. O espírito contrário ao de Cristo nega-O, seja qual for a profissão de fé. O homem pode negar Cristo pelas más palavras, pela conversação tola, por palavras mentirosas e duras. Pode negá-l'O evitando as responsabilidades da vida, na procura de prazeres pecaminosos. Pode negá-l'O conformando-se ao Mundo, por meio de condutas malcriadas, pelo amor às suas próprias opiniões, por procurar sempre justificar-se, por amor à dúvida, por ser causa de perturbação, por viver nas trevas». (*Desejado dos Séculos*, pág. 357).



## União do humano e divino

Pensemos na exortação do Apóstolo Paulo: «Examinai-vos a vós mesmos para ver se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos. Não sabeis vós que Cristo está entre vós, a não ser que já estejais reprovados». (2 Cor. 13:5). Outra vez nos diz ainda que «somos participantes de Cristo». (Heb. 3:14). Quando Cristo habita dentro de nós, somos participantes da natureza de Deus, o humano e divino ficam unidos e assim escapamos à corrupção que está no Mundo pela concupiscência.

«O homem tem o privilégio da ligação com Cristo e, então, o divino e o humano combinam-se; só nesta união repousa a esperança do homem, porque é quando o Espírito de Deus toca a alma que os poderes da alma são excitados e o homem se torna nova criatura em Cristo Jesus» (*Review and Herald*, Nov. 22, 1892, pág. 723).

«Cristo veio tornar-nos participantes da natureza divina, e a Sua vida declara que a humanidade, combinada com a divindade, não comete pecado» (*Ministério da Cura*, pág. 180).

«Mas Cristo veio em forma de humanidade e pela Sua perfeita obediência provou que a humanidade, combinada com a divindade, pode obedecer a cada preceito de Deus» (*Lições Objectivas de Cristo*, pág. 320).

«Precisamos de ver o Rei na Sua beleza. Para isso conservemos diariamente os nossos olhos fixos em Cristo, a perfeição do carácter humano e baseados na Sua natureza divina, teremos a força da divindade para vencer cada tendência e desejo» (*Review and Herald*, pág. 9, 13 de Jan. de 1910).

«Irmãos e Irmãs: nós, de verdade, carecemos de ver o Rei, na Sua beleza, e, para isso, não ignoremos nem negligenciemos estas admiráveis promessas, pelas quais nos tornamos participantes da natureza divina e escapamos às corrupções que há no Mundo pela concupiscência. Agora é o tempo para procurar Deus de todo o nosso coração e entrar nesta experiência, pela fé. O Senhor disse: «Ainda

um pouco e aquele que tem de vir virá e não tardará». «Agora o justo viverá pela fé» (Heb. 10:37,38).

Lembremo-nos que «a Fé é a mão pela qual a alma toma posse da oferta divina da graça e misericórdia» (*Patriarcas e Profetas*, pág. 431). Com esta definição de fé na nossa mente, examinemos outras destas preciosas promessas:

«Nem sequer por pensamento Cristo cedeu à tentação. Assim será também connosco. A humanidade de Cristo estava unida à divindade; Ele estava preparado para o conflito pela íntima comunhão com o Espírito Santo. Ele veio para nos fazer participantes da natureza divina. Enquanto estivermos unidos a Ele pela fé, o pecado não tem domínio sobre nós. Deus alcança, pela mão da fé, dentro de nós, dirigi-la de forma a apoderar-se da divindade de Cristo, para que nós possamos atingir a perfeição de carácter» (*Desejado das Nações*, pág. 123).

Há alguns anos, num dos nossos colégios, um ministro levantou-se e perguntou aos estudantes: Têm pensado em pecar outra vez? Alguns dentre nós ficámos admirados com a pergunta, mas o ministro disse: «Se esperam continuar a pecar, como poderá o Senhor livrar-vos do pecado? Ele não nos obriga a abandonar o pecado, mas se orarmos fervorosamente cada manhã para que Deus nos guarde de cometer pecado durante o dia, cooperamos com Ele e permitimos-lhe que nos salve do pecado». Isto está de harmonia com a resposta do apóstolo à pergunta: «Que diremos então? Continuaremos a pecar para que a graça abunde? Que Deus nos livre de tal. Como poderemos nós, que morremos ao pecado, viver ainda nele?» (Rom. 6:1,2).

Não podemos reclamar-nos de perfeição mas, feitos participantes da natureza divina, somos guardados pelo poder de Deus. Entremos pela fé nesta vida, hoje mesmo.

(Concluem no próximo número estas importantes comunicações para a Semana da Prece, este ano).

## 1.º Congresso

### da Juventude Adventista Portuguesa

No Seminário Adventista, em Portalegre, no antigo e poético convento de Santo António, acaba de realizar-se o primeiro Congresso da nossa Juventude. Foi simplesmente bom. Não temos ocasião nem espaço, nesta revista já pronta a sair do prelo, para descrever, em resumo, o que nele se passou. Planeamos ocupar um número desta revista, ainda este ano, para relatar os trabalhos e transcrever as boas teses e proveitosas discussões, havidas durante os dias do Congresso, de 1-6 de Julho.

Desde já agradecemos, em nome dos congressistas e outras visitas, o carinho com que todos os elementos do Seminário, professores e alunos, quiseram rodear a todos quantos tiveram o prazer de assistir a esta importante e histórica jornada adventista.



De resto voltamos a insistir que, entre escritores romanistas portugueses, há discordância quanto à doutrina do Advento.

**Página 588**

Tinha de aparecer a célebre frase: «Protestante e traidor à Pátria»!

Foi traidor à pátria aquele protestante, porquê? Por ter obtido a naturalização estrangeira? Não conheci o homem e não pertencia aos adventistas. Mas pergunto: «Serão traidores à pátria todos quantos procuram naturalizar-se cidadãos de outros países»?

Sei de um país onde são mais do que muitos os romanistas praticantes que tratam de obter a respectiva nacionalidade, logo que podem. Muitos voltam a Portugal e quando, em caso de guerra, são chamados pela Autoridade, exibem o passaporte estrangeiro, embora vivam em Portugal como portugueses. Chamar-lhes-emos «traidores»? Talvez o sr. Veloso tenha razão, mas nós pedimos licença para discordar desse nome feio, embora aplicável a romanistas. No fundo, nada fizeram contra a Nação. Negam-se apenas a fazer tudo quanto a Nação lhes pede.

## ANGOLA vista num relance

(Conclusão da página 5)

zem-na escondidos nas profundezas das matas, longe das vistas dos brancos. São precedidas e seguidas de longos banquetes e libações, e de intermináveis «bataques» que se prolongam e continuam por alguns dias e noites. Os feitiçeiros têm nestas alturas bastante que fazer. Cumpre-lhes proceder à instrução dos neófitos, em tudo que, segundo eles, reputam ser indispensável num homem da sua tribo.

Creio que esta cerimónia da circuncisão tem variantes conforme as regiões, mas pode dizer-se que é mais ou menos geral em toda a Angola.

Nos dialectos Quioco, Baluba, Calunda e não sei se em outros, ou se será inclusivamente geral, chama-se-lhe «Mucanda». Este termo pode igualmente ser traduzido por «Carta» ou «Mensagem».

Na aparência, nada parece haver de comum entre os dois significados de «Mucanda». No entanto, a circuncisão é a «carta» de maioridade, é quase uma carta de formatura. Passam imediatamente a fazer parte do círculo dos homens, a tomar parte nas suas conversas, a expor opiniões e a serem escutados. A «Mucanda» é bem, pois, uma mensagem, anunciando que a tribo possui, desde então, mais um pilar.

É possível que outros ritos pratiquem, que executem outras cerimónias. Eu desconheço-as.

No que respeita à Arte, ela é rudimentar entre os povos angolanos.

Percorre-se a colónia de norte a sul, do oceano à fronteira, e apenas deparamos com manipansos mal esboçados, uns que apenas tiveram a pretensão de fixar uma atitude, outros que gozam do privilégio de serem considerados deuses. Mas quer uns, quer outros, sob o ponto de vista de perfeição, deixam lamentavelmente a desejar. Não estão mais adiantados no que concerne ao amanhã das terras. Os procesos são primitivos, e não têm, dum modo

## Nós e a Brotéria

(Conclusão da página 7)

Traidor, o tipo histórico do traidor português, é aquele famigerado Cristóvão de Moura, agente do espanhol Filipe, a comprar nobres, clérigos e até bispos. O Cristóvão de Moura era católico, apostólico, romano, não é verdade sr. Veloso? Ou seria protestante?

Longe de nós a ideia de considerar como possíveis traidores os elementos da Igreja Romana, aqui ou em qualquer parte do Mundo. O todo não é responsável pela ínfima parte. Empregamos apenas o raciocínio do sr. Veloso que vai logo dar a beco sem saída e ficamos seguros de estar erradíssimo. Nestas coisas de patriotismo o sr. Veloso não queria discussão porque, infelizmente, é bem conhecida a história de Portugal.

Por aqui nos ficamos hoje, na análise de um artigo muito palavroso e pouco substancioso.

A. D. GOMES

geral, espírito comercial, o que os levaria a cultivar a terra em larga escala, para que, com o produto da venda das colheitas, pudessem dispor do suficiente que lhes garantisse um nível de vida mais elevado. Nada disso. Uma vez que o que cultivam dê para a própria alimentação, e também para conseguir o dinheiro do imposto, é quanto lhes basta. Seria talvez um exemplo de desinteresse das riquezas terrenas, se dispusessem do essencial. Mas não. Quantos há que em locais onde o frio chega na estação seca a zero graus, e por vezes ainda menos, durante as madrugadas, e que não dispõem de outro agasalho além duma casca de árvore de poucos palmos que usam suspensa da cintura.

\* \* \*

É justamente para viver com estes povos e para estes povos, que o Missionário desembarca em Angola. Par lutar contra as credices, as feitiçarias e todos os defeitos que se amontoaram durante séculos, que se enraizaram no mais íntimo recanto do coração dos gentios. Para lhes ensinar que Deus não é apenas o Deus que fulmina, é também o Deus que premeia aqueles que O amam. Para lhes ensinar a erguer a esse mesmo Deus as suas orações. Para lhes ensinar a crer em Nosso Senhor Jesus Cristo, e nos seus infinitos méritos.

\* \* \*

Muito, ou antes, quase tudo ficou por dizer. Não podia eu mesmo ter a ousadia de pretender responder cabalmente às perguntas que fiz no início destas linhas. Repetindo o que disse no começo, uma resposta que um jornal não pode comportar, e sairia mesmo do âmbito puramente jornalístico, além do que, para tal, me faltaria o indispensável estofamento cultural.

Não podia, pois, pretender mais do que mostrar alguns dos quadros que, certamente, mais haviam de ferir a atenção do nível Missionário recém-desembarcado em Angola.



# PARA O ARQUIVO

Ex.<sup>mo</sup> Sr. José de Figueiredo Menezes  
TONDELA (BEIRA ALTA)

7 de Maio de 1948.

Prezado Senhor Menezes

Acuso a recepção da sua amável carta de 4 de Maio corrente, à qual responderei com muito prazer.

Aborda V. Ex.<sup>a</sup> a questão política do nosso Portugal. Nós, como crentes Adventistas, desejamos seguir o exemplo de Jesus, nos assuntos políticos. Como sabe, Jesus foi um grande patriota que soube viver à parte das questões políticas da Sua pátria e do Seu tempo. O mal raras vezes está nos governos e, geralmente, está no coração dos governados. O melhor será cuidar dos desprotegidos, guiar os «cegos» e encher o coração de todos com os pensamentos-forças da verdadeira religião cristã. Não percebemos nada de política e temos de confiar na inteligência e patriotismo da maioria nacional, guiada pelos homens que da política têm feito a sua actividade. Connosco, Sr. Menezes, queira contar apenas para ler, meditar e discutir os fundamentos da Fé Cristã.

Diz V. Ex.<sup>a</sup> que desejaria ver a Religião Evangélica Protestante «como religião oficial de Estado». Pode muito bem ser que tal ideia sorria a muitos protestantes. Mas quem se oporia a tal seria este seu criado. Para um cristão, no espírito do Evangelho, deve existir uma perfeita separação entre a Igreja e o Estado. Todas as Igrejas devem ter iguais direitos e deveres perante a Nação. Plena liberdade a todos os crentes de adorar Deus como sabem e entendem.

Como vê, Sr. Menezes, não conta connosco para partilhar dos seus ideais políticos nem religiosos. Deixe a política nas mãos de quem tenha sacrificado a ela a sua vida, tempo e dinheiro. Se é crente no Evangelho, queira seguir o exemplo do nosso Mestre e Salvador, procurando curar as feridas do corpo e da alma, espalhar profusamente os pensamentos da paz e concórdia e, acima de tudo, orar a Deus em favor dos que governam a Nação, para que possamos ter uma vida em paz e dignidade.

Seu leitor atento e crente em Jesus e no Seu Evangelho

Pastor A. Dias Gomes

---

EDITORIAL ENCICLOPÉDIA, L.<sup>DA</sup> RUA DE ANTÓNIO MARIA CARDOSO, 33-35 • LISBOA

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director da

Lisboa, 9 de Junho de 1948.

UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Rua de Joaquim Bonifácio, M. A. — LISBOA-N.

Ex.<sup>mo</sup> Senhor

Recebemos a análise do artigo adventistas capeada com a v/ prezada carta de 7 de Junho de 1948. Pode V. Ex.<sup>a</sup> ter a absoluta certeza de que, tudo quanto V. Ex.<sup>a</sup> tem a bondade de nos oferecer como corrigenda no seu minucioso trabalho será, oportunamente, analisado com todo o respeito e constituirá a base das notas de correção a incluir no Apêndice desta obra, em forma tão extensa quanto possível e no sentido de se obter o rigor por todos desejado.

Sem outro assunto, nos subscrevemos com estima e consideração,

De V. Ex.<sup>a</sup>  
Muito atentamente

(Assinatura ilegível)

da nossa correspondência